

por formas de controle exclusivo (leia-se patentes e marcas registradas) e sejam consideradas recursos de heranças comuns a todos os povos; (3) providências governamentais pelas nações do Terceiro Mundo, no sentido de inventariar os seus recursos genéticos e protegerem-se contra a legislação varietal dos países industrializados, que ameaça os seus programas nacionais de conservação e melhoramento de plantas.

Não poderíamos concluir este comentário sem registrar a importante contribuição que o professor Adilson Paschoal agrega ao texto, prefaciando a obra. Com a segurança e o conhecimento de um batalhador das causas conservacionistas e da agricultura regenerativa no Brasil, ele resgata acontecimentos ainda desconhecidos para muitos, sobre os caminhos tortuosos e as tramas de bastidores nos escalões governamentais, para que fosse aprovada pelo Congresso Nacional a "Lei de Proteção aos Cultivadores", proposta pela Associação Brasileira de Sementes (Abrasem).

A origem de tudo remonta a 1974, quando a International Plant Breeders, controlada pela Royal Deutch/Shell, campeã de vendas de sementes no mundo, instala-se no sul do país para negociar com cultivares de trigo e soja. Em documento entregue ao Ministério da Agricultura, intitulado "Four Lines plan for Brazilian Agriculture", a Royal Deutch/Shell sugere a legislação do patenteamento de sementes e a transferência do controle, da pesquisa e da produção de sementes básicas do poder público para o setor privado. As démarches deste processo e a reação contrária dos agrônomos, SBPC, FAESP, OCESP e alguns políticos (que termina por inviabilizar o projeto de lei, em 1977, antes mesmo de ser votado), são relatadas pelo professor Paschoal, constituindo uma motivação a mais para a leitura desse livro que recomendamos sem reservas.

RIVIÈRE D'ARC, Hélène (org). (1987). *Portraits de Bahia: Travail et Modernisation dans quatre régions agricoles d'un État du Brésil*. Paris: Collection Brásilia, ed. de la Maison des Sciences de l'Homme.

*Vilma de Mendonça Figueiredo\**

*Retratos da Bahia* é a sexta publicação da coleção Brasília, que teve início em 1981 com o livro de Sérgio Miceli, *Les Intellectuels et le Pouvoir au Brésil (1920-1945)*; seguindo com Guy Martinière, 1982, e a publicação de *Aspects de coopération franco-brésilienne: Transplantation culturelle et stratégie de la Modernité*; Maria Andréa Loyola, 1983, *L'esprit et le corps: des Thérapeutiques populaires dans la banlieve de Rio*; Fernando Henrique Cardoso, 1984, *Les idées à leur Place: le concept de Développement en Amérique Latine*; Celso Furtado,

---

\* PhD em Sociologia, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

1987, *Le Brésil après le Miracle*; e prevê, para breve, Hélió Trindade, *Brésil: Le temps du Fascisme*. Desse modo, a Coleção Brasília vem perseguindo seu objetivo de divulgar, na França, obras de cientistas sociais brasileiros, bem como tornar mais conhecidos os trabalhos de pesquisadores franceses que contribuem para o conhecimento do Brasil. Esse é o caso de *Retratos da Bahia*, produzido principalmente por pesquisadores franceses.

Christian Gros, Hélió Rivière d'Arc e Hervé Théry responsabilizam-se pelo primeiro capítulo, intitulado "A riqueza tradicional: as terras úmidas do cacau"; Bernard Bret, em colaboração com Marie-Dominique de Suremain, assina o capítulo "A irrupção do café no planalto de Conquista"; Jean Pierre Bertrand, Martine Droulers e Lena Lavinas produziram os capítulos três e quatro que tratam, respectivamente, de "Juazeiro-Petrolina: um pólo de horticultura no coração do Sertão" e "A frente pioneira de Além São Francisco".

Um livro de quatro capítulos e escrito por diversas mãos, não poderia deixar de conter assimetrias de estilo e diversidade de ênfase nas dimensões analisadas, ainda mais que cada um deles trata de microrregiões/cidades específicas, com características próprias. Ênfase e estilos distintos, porém, não comprometem a unidade temático-teórica da obra, que é claramente explicitada na introdução e desenvolvida nos capítulos, revelando uma coordenação competente não só na estratégia de levantamento de campo, mas também na análise e exposição dos dados.

O livro tem como tema central a questão do trabalho e tenta esclarecer como, na Bahia, os mercados de trabalho que se criam em torno de afinidades modernizadas, influem na gestão da mão-de-obra, criam categorias sociais e novas relações de trabalho. As hipóteses gerais que orientaram o estudo foram: 1. que existe no Brasil e particularmente na Bahia, o equivalente daquilo que, na França, identifica-se como *pays* – espaços relativamente pequenos, dedicados a uma atividade produtiva principal e geralmente centralizados por uma cidade que controla a valorização dos recursos regionais; esses espaços corresponderiam aproximadamente, segundo seus autores, às microrregiões homogêneas do IBGE; 2. que a organização desses pequenos espaços é feita por centros urbanos regionais. Supõe-se, então, que as formas de organização do trabalho rural são, freqüentemente, determinadas por proprietários citadinos, não se reconhecendo, *a priori*, ruptura entre os mercados de trabalho urbano e rural, e colocando como problema de investigação as passagens e combinações entre os dois setores.

O levantamento de dados foi feito em 1983 e 1984, em quatro regiões agrícolas do Estado, diversas do ponto de vista da atividade dominante e vinculadas às cidades de 1. Ilhéus e Itabuna; 2. Vitória da Conquista; 3. Juazeiro e Petrolina; 4. Barreiras. Desse modo, cobriram-se as regiões de cacau, onde a acumulação na agricultura é dominante e justifica a abordagem das relações de trabalho em termos de oferta e demanda; perímetros irrigados do vale do São Francisco, onde as formas híbridas de trabalho ou a simples monetarização são abordadas pela análise de cada tipo de exploração, por ramo de atividade ou

por micro-espaco geográfico; novas zonas de cultura do café, de ocupação antiga e que recorrem intensamente à mão-de-obra temporária; região pioneira, com investimentos produtivos capitalistas e demanda reduzida a favor da mão-de-obra, dada a grande mecanização e a pecuária, onde o mercado de trabalho é analisado através da justaposição de diferentes sistemas de produção.

Em cada um dos casos, o papel do Estado é analisado através do exame da intervenção de órgãos públicos e seus efeitos nas transformações das relações de trabalho. O conjunto dos estudos mostra uma intensa mobilidade espacial do trabalhador e uma generalizada precariedade de suas condições. Por outro lado, mostra também uma enorme variedade de formas de trabalho que, muitas vezes, são encontráveis em um mesmo indivíduo: assalariamento parcial ou "incompleto", assalariamento estrito sob contrato, trabalho camponês. A alternância de trabalho na cidade – freqüentemente no setor informal – e no campo, fenômeno que vem sendo designado por "rurbanização", expande-se.

Os autores concluem que, com formas variadas e ritmos diversos, a lógica capitalista impõe-se e transforma as relações sociais. Não no sentido da destruição de padrões tradicionais e de sua substituição por relações simples entre empregado e empregador, mas no que se refere a uma complexa rede de novas combinações, diferentes segundo os casos, isto é, segundo a produção dominante e a antiguidade de sua implantação.

O papel do Estado, de coordenador da modernização, segundo os autores, é fundamental. Sua ação pode variar desde a definição precisa de estruturas novas, que vão possibilitar os mecanismos capitalistas, até o enquadramento técnico e o apoio financeiro: "sob formas variadas e com intensidade desigual, o Estado age sempre onde as 'coisas se mexem' na agricultura baiana, seja criando mecanismos de mercado, seja orientando e sustentando o capital privado".

Trabalho bem apresentado, articulando questões teóricas a um levantamento cuidadoso de dados, o livro coordenado por Hélène Rivière D'Arc traz, sem dúvida, contribuição relevante para a compreensão da modernização da agricultura brasileira. Somando-se aos estudos que ora se fazem no Brasil e que evitam tanto o voluntarismo teórico com a imersão exaustiva e desorientada em casos concretos, *Portraits de Bahia* dá uma lição de como e para que se faz pesquisa.